

## **A ARTE NO PROCESSO EDUCATIVO DE CUIDADO PESSOAL E AMBIENTAL**

---

**Maria Inês Gasparetto Higuchi  
Heloisa Helena Stopatto Cruz Alves  
Luiza Conceição Sacramento**

**Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia  
Manaus, Brasil**

### **Resumo**

Falar sobre o cuidado é falar sobre afetos e atitudes de compromisso com algo ou alguém que toma pra si tal responsabilidade. Esse fenômeno de cuidado tem voltado ao debate não apenas no cotidiano das relações entre as pessoas, mas também na relação pessoa-ambiente. A partir da consideração de que o cuidado deveria servir de ponto de partida para um novo paradigma de convivialidade entre as pessoas, e destas com o ambiente, apresentamos aqui reflexões acerca desse fenômeno e como se manifesta no dia-a-dia de mulheres que vivem no entorno da Reserva Florestal Adolpho Ducke (RFAD), na periferia de Manaus, AM-Brasil. As considerações são produtos de um processo de educação ambiental desenvolvido durante dois anos com um grupo de moradoras que tiveram na arte uma possibilidade de rever sua própria condição existencial, suas subjetividades e relação com o ambiente.

**Palavras-chave:** Arte, Educação Ambiental, Cuidado ambiental, Relação pessoa-ambiente,

### **Abstract**

This article discusses the contribution of art in the educational process of personal and environmental care. To care implies not only affection and personal attitudes, but also responsibility toward something or someone. The phenomenon of caring is here focused not only on the day-to-day social relationships but also on the people-environmental. Considering that caring emerges as a new way of empowering a positive conviviality among people and the constitutive elements of the environment, this work presents a study developed with a group of women who live near the Adolpho Ducke Forestry Reservation in Manaus, Amazonas, Brazil. The discussion of this experience through participative investigation revealed important aspects which occurred during the process of environmental education which art activities as the core procedure. Art proved to be a genuine possibility through which the participants could rethink their very existential condition. In this process they also had the opportunity to deal with their subjectivities in their relationship with the environment.

**Keywords:** Art, Environmental Education, Environmental care, People-environment relation

## Introdução

*Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada.*

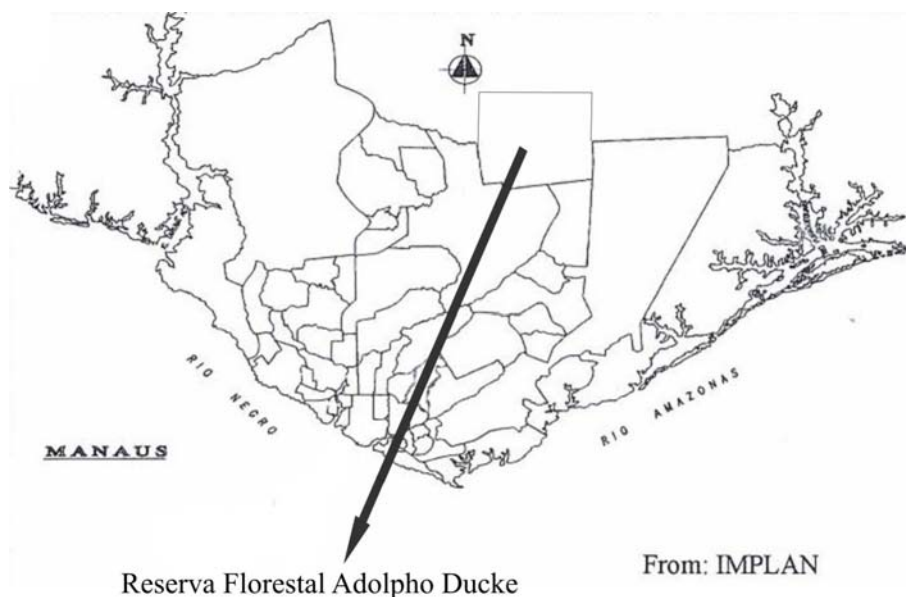
*De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: “Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada HOMEM, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil.*  
[Versão livre da fábula-mito de Hyginus].

Falar sobre o cuidado é falar sobre afetos e atitudes de compromisso com algo ou alguém que toma pra si tal responsabilidade. Esse fenômeno de cuidado tem voltado ao debate não apenas no cotidiano das relações entre as pessoas, mas também na relação pessoa-ambiente. Entretanto, Boff (1999), adverte que a ética do cuidado e da “compaixão” parece adormecida na sociedade contemporânea. A partir do convite proposto por Boff de que o cuidado deveria servir de ponto de partida para um novo paradigma de convivialidade entre as pessoas, e destas com o ambiente, apresentamos aqui reflexões acerca desse fenômeno e de como se manifesta no dia-a-dia de mulheres que vivem no entorno da Reserva Florestal Adolpho Ducke (RFAD), na periferia de Manaus, AM. Essas considerações são produto de um processo de educação ambiental desenvolvido pelo Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA) do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), durante dois anos com o grupo “*Mãos que criam*”, formado por moradoras que tiveram na arte uma possibilidade de rever sua própria condição existencial e sua relação com o ambiente (Guatarri, 1993).

A RFAD é uma área de dez mil hectares de floresta tropical úmida de terra firme, que apesar de não estar classificada como Unidade de Conservação pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), é uma área de rica biodiversidade e importante território de pesquisas científicas sobre os ecossistemas naturais, de tal forma que a mesma se beneficia das normas previstas por esse sistema no que diz respeito à sua manutenção (Lima, *et al.*, 2006). Sabe-se que o papel das Unidades de Conservação está relacionado à

conservação dos ecossistemas físico-biológicos, onde se ressalta a validade de parcerias com a comunidade como formas adequadas de zelo ambiental. A RFAD foi criada em 1963 e até o início de 2000 era uma área isenta de qualquer ameaça pela população. A partir dessa época a expansão urbana passou a pressionar de forma intensa os limites da reserva. Atualmente a reserva é uma extensa área verde quadrilátera situada ao norte de Manaus cujas bordas sul e oeste, são rodeadas por bairros densamente ocupados (Figura 1).

**Figura 1: Croqui de localização da Reserva Florestal e perímetro urbano de Manaus - AM**



Para assegurar sua relativa integridade, em 2004 uma faixa na borda sul da reserva foi cedida para a Prefeitura Municipal para a criação do Jardim Botânico de Manaus, onde atualmente há um complexo arquitetônico para abrigar atividades socioambientais com as comunidades. De modo geral, as comunidades do entorno apresentam problemas de toda ordem, ou seja, precários serviços urbanos, habitação irregular, poucas oportunidades de emprego, violência urbana, atendimento escolar e de saúde com pouca estrutura para a demanda local.

Os aglomerados formados no entorno da RFAD seguem um perfil histórico semelhante ao de outros bairros da cidade de Manaus, ou seja, o da prevalência de ampla vulnerabilidade socioambiental (Salazar, 1992; Higuchi, 1999; e Silva, 2000). A velocidade com que surgem novas áreas residenciais não corresponde à velocidade das providências tomadas pelo poder público com relação aos serviços sociais básicos (escola, água, saneamento, hospital, rede elétrica, transporte coletivo, etc.). Por outro lado, a fragilidade política das organizações comunitárias impede que a população possa interferir de forma mais efetiva solicitando o direito de se resolver os problemas fundamentais a uma sobrevivência digna.

É notório que as pessoas fazem não só histórias como também geografias onde as relações tempo-espaço são importantes para se entender como as sociedades se constituem e como fazem uso dos recursos disponíveis nesse processo social. Neste sentido, Giddens (Gregory *et al.*, 1996) comenta que grande parte da vida social é moldada dentro de sistemas de interação face-a-face, que estão embutidos num lugar. Passa-se de um lugar ao outro, efetivando-se uma trajetória de realidade existencial no tempo e no espaço que caracteriza a vida social das pessoas que por ali existem, existiram e que aqueles que ali existirão; com poucos e ou com suficientes possibilidades socioambientais. Isso não é só um fato para as populações rurais, mas, sobretudo uma realidade para as populações das cidades, que buscam de forma cada vez mais intensa os espaços urbanos.

Viver a urbanidade implica uma complexidade de relações com as pessoas e destas com o ambiente. Santos (1992) alertava sobre o empobrecimento das relações psicossociais que o processo de urbanização inevitavelmente acarreta. Além dos conflitos próprios da convivência social, as ações antrópicas têm sido reveladoras de grandes impactos no solo, na vegetação, nos recursos hídricos e na atmosfera (IPCC, 2007). Desde os primeiros aglomerados em vilas que historicamente foram se formando na civilização humana, nos deparamos com o distanciamento da natureza e suas formas rústicas de existência. O ser humano se ocupa da eterna transformação da natureza tentando, ao modificá-la, imprimir sua autoria como se esse ato lhe concedesse a autoria e posse daqueles produtos e serviços provindos dela (Heemann, 2000; Higuchi *et al.*, 2004). As transformações tecnológicas e ordenamentos espaciais, não são necessariamente maléficos, mas a grande maioria dos projetos humanos produz, por sua própria gênese, pouco zelo e cuidado ao ambiente e todos os seus demais elementos constituintes (Santos, 1997; Boff, 1999). Questiona-se, portanto, esse comportamento humano que racionalmente indica ser problemático para a manutenção da vida e que equivocadamente, se reproduz na sua cadeia de desrespeito e descaso a tudo o que existe e vive. Investigar o que está na base desse comportamento e refletir sobre a degradação permanente do meio ambiente, identificando idéias subjacentes à ação de cuidado (ou falta dele) ao ambiente, foi o objetivo central dessa pesquisa-intervenção, tendo a arte como mediadora desse processo.

### **Arte e educação ambiental na reconstrução do cuidado**

Fischer (s/d) ao se reportar à relação das pessoas com o ambiente pontua que elas acontecem de dois modos distintos e complementares. O modo funcional se caracteriza a partir da maneira como as pessoas utilizam os recursos materiais; e o modo vivido, diz respeito ao conjunto de significados que tais recursos possuem, cujo repertório é baseado nas experiências vividas no dia-a-dia. Entende-se que existem relações dinâmicas e de reciprocidade indissolúveis entre as pessoas e o ambiente (Higuchi, 2002:33). No entanto, é preocupante o fato de que no momento, estas se encontrem distorcidas de tal forma que se constate um descuido e um descaso acelerado para com as cidades e para com a natureza.

Segundo Deleuze e Guatarri (1992), quando, de alguma forma, se procura organizar as

práticas, surgem três formas básicas de pensar, as quais estão entrelaçadas uma com as outras. Para esses autores, na tentativa de organizar uma realidade caótica, a filosofia traça um plano de imanência onde as variações permanecem infinitas; já a ciência traça planos de coordenadas que buscam definir os estados do objeto; a arte, por sua vez, procura criar o finito que restitua o infinito através de sensações compostas sob a ação de regras estéticas. Seguindo esses argumentos de Deleuze e Guatarri (*ibid*), enquanto a filosofia faz surgir acontecimentos em seus conceitos e a ciência constrói estados de coisas com suas funções, a arte ergue monumentos com suas sensações e estéticas, onde tudo se passa, inclusive a técnica.

A arte é essencialmente um processo que favorece a manifestação de conteúdos internos, os quais se concretizam no objeto e no comentário produzido durante e após sua formação. Além disso, Freud (1996) reconheceu a arte como produtora de conhecimento, onde o imaginário não é um refúgio ou entorpecimento diante de uma realidade cruel, ao contrário, a arte perfaz um caminho que conduz a uma lucidez que nada tem a invejar da lucidez psicanalítica. Comparando o ato analítico ao ato de criação, considera-se que a “arte não reproduz o visível, o faz visível” (Kon, 1996: 149), uma vez que as práticas trazem subjacentes idéias nas quais estão entrelaçadas (Heidegger, 2000). Assim, ao tornar visível uma realidade interna, ela pode ser reavaliada e reformulada, principalmente para compreender ações de cuidado ou descuido com o ambiente que é inevitavelmente o lócus de nossa existência.

Baseando-se nas idéias de Deleuze e Guatarri (1992), Freud (1996), Kon (1996) e Heidegger (2000), entre outros, inserir a arte nas atividades de educação ambiental traz a possibilidade de aproximar campos da vivência, que aparentemente parecem distanciados. A educação ambiental passa, pois, a incorporar tais processos como meios de transformação e a auxiliar na organização da realidade, mais particularmente na reavaliação das relações pessoa-ambiente. É importante frisar que a educação ambiental, como o conhecimento, não pode se encerrar no simples desvendamento de uma realidade física, mas, sobretudo, no fomento de novas práticas de uso dos recursos de modo que propiciem novas vivências e aprendizados (Maturana e Varela, 2001), as quais incluam a afetividade, as sensações e a estética. As dimensões objetivas e subjetivas da realidade ambiental devem ser reafirmadas e re-significadas nesse processo educativo que busca um maior cuidado do ambiente, e conseqüentemente, da própria pessoa.

A utilização da arte como pano de fundo para o cuidado ambiental no processo educativo se baseia ainda, no pressuposto de que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser estranho em seu ambiente, nem estrangeiro no seu lugar. A arte não só hospeda afetos como reelabora cognições e vivências. O papel da arte reside, pois na relação dialética de construção da vida (Vigotsky, 1999) e na viabilização da manifestação de desejos e singularidades que se complementam. O artista é um mostrador, um inventor, um criador de afetos. Afetos estes que se elucidam pela linguagem das sensações que se fazem penetrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras. Dessa forma, a arte possibilita à pessoa ir além do “estar no mundo”, para “ser com o mundo”, em possibilidades infinitas de ser (Deleuze e Guatarri, 1996).

No processo educativo está implícita a incorporação de novos valores como a solidariedade, o respeito ao saber do senso comum e a compreensão de uma dimensão onde

a participação da sociedade no controle dos processos de uso do meio natural se efetiva (Castro, 2002). Trata-se de se tentar implantar um processo de construção uma cultura ecológica que compreenda o meio ambiente e todos os seus elementos constituintes, de forma especial a sociedade humana, como dimensões interdependentes. Tal cultura ecológica deve transcender os problemas geofísicos e incorporar aspectos da socialidade, cuja meta seja a de transformação dessa sociedade que tem habitado a terra e se fartado equivocadamente na idéia da infinitude dos recursos (Carvalho, 2002; Higuchi *et al.*, 2004).

A educação ambiental no seu propósito mais básico deve buscar, ainda, a democratização dos meios de uso dos recursos naturais como suporte natural para a existência da própria vida, onde o ambiente é valorizado como bem comum (Reigota, 1994; Higuchi *et al.*, 2004; Higuchi e Azevedo, 2004; Minini, 1996; Noel e Barcelos, 2003). Desenvolver um projeto que incorpore a compreensão de comportamentos e também promova a transformação de práticas socioambientais, agrega uma complexa noção de estruturação de espaço (Gregory *et al.*, 1996; Santos, 1996; Sacramento, 2003) e uma redefinição de significados e afetos que a arte pode auxiliar. É necessário, portanto, ter consciência de que como educadores-pesquisadores, nos defrontamos com o conflito estabelecido entre a compreensão das necessidades sociais da comunidade (Guatarri e Rolnik, 2000; Bauman, 2003; López-Cabanas e Chacón, 2003) e, a necessidade de incluir a emergência de conservação dos recursos naturais da reserva florestal.

Dessa forma, a missão fundamental dos programas de educação ambiental incide em ajudar cada indivíduo a amadurecer o seu potencial como cidadão, protagonista de sua própria trajetória, onde o ambiente é necessariamente o lócus dos acontecimentos sociais e fonte de produtos e serviços para a manutenção da vida. Por meio desse processo de aprendizagem de competências gerais se abrem janelas e se traçam caminhos fortalecidos de cidadania plena tanto no âmbito dos direitos quanto nas responsabilidades sociais. Essas competências são vitais na constituição de pessoas mais aptas a assimilar mudanças, mais autônomas em suas escolhas, que acolham e respeitem as diferenças, que pratiquem o cuidado, a solidariedade e superem a segregação social e o desrespeito aos recursos naturais.

### **Tecendo caminhos...**

A partir dessa realidade e embasando-se nesses pressupostos teóricos, foi desenvolvido um programa de pesquisa-ação-participativa onde ocorreram simultaneamente, a investigação da realidade socioambiental e a atuação, ou seja, um programa de intervenção psicossocial de enfoque participativo (Sarriera *et al.*, 2000; López-Cabanas e Chacón, 2003). Esse procedimento contemporâneo de se fazer pesquisa em ciências humanas e sociais ocorre a partir de uma interação entre investigador e investigado. A produção do conhecimento implica então, numa co-responsabilidade entre essas partes. Contribuições de alguns estudos participativos e dialógicos sustentam que uma comunhão de técnicas e procedimentos nos fornece e amplia parâmetros na busca do conhecimento e da criação

(Higuchi e Khunen, 2008). Dessa forma, no processo de construção do conhecimento pode ocorrer uma atuação que permite a reflexão dos modos de agir e construção de um repertório qualitativamente melhor do que o até então existente.

Numa ótica fenomenológica, a realidade é vista como um fenômeno compreendido, interpretado e comunicado que implica no reconhecimento da importância do sujeito no processo da construção do conhecimento (Heidegger, 2000). A pesquisa-ação participativa (López-Cabanas e Chacón, 2003), que se efetivou através das relações entre pesquisadores e pesquisados, nos permitiu acompanhar o processo de instalação do cuidado e zelo pelos recursos ambientais tendo como pano de fundo a própria vivência dos conflitos e dos ganhos. Foi utilizada uma abordagem multi-metodológica com as seguintes técnicas: (a) observação ação-participante - cujas informações foram anotadas no diário de campo e de onde se subtraíram as narrativas e muitos dos diálogos produzidos na interação grupal entre as mulheres participantes; (b) entrevista semi-estruturada - aplicada a cada participante ao final do processo, de forma individual a cada participante.

O procedimento de coleta de informações e de ação do grupo ocorreu durante dois anos, uma vez por semana, com um tempo médio de duas horas de atividades conjuntas, ocorridas tanto nas dependências do Jardim Botânico - instalado na faixa marginal da RFAD, como nos demais lugares para onde o grupo se deslocava em suas atividades. O grupo foi formado por quinze mulheres de idades diversas, todas moradoras do entorno da reserva florestal. A formação ocorreu a partir do interesse das moradoras na realização de cursos e atividades de arte e reaproveitamento de recursos naturais.

Neste trabalho analisa-se a produção manifesta e subjacente do cuidado nas diversas expressões artísticas durante o processo de confecção de peças com resíduos da floresta como sementes, folhas de palmeiras, cascas, líquens, galhos secos e pedaços de madeira. Muitas peças foram criações espontâneas onde a expressão feminina do cuidado ia se revelando tanto durante o processo de confecção, quanto nos momentos da produção final. Outras criações artísticas foram inspiradas em peças prontas de artistas locais que estavam expostas em centros de artesanato visitados pelo grupo. As estratégias motivacionais relativas à produção artística sustentaram tanto as ações quanto as reflexões a respeito do cuidado pessoal e ambiental. Nos encontros semanais procuramos investigar como o fenômeno cuidado emerge coletiva e individualmente tendo-se em vista o pressuposto de que o cuidado está diretamente relacionado às idéias e que, de alguma forma, se manifesta nas práticas (Heidegger, 2000).

Na busca da elucidação do fenômeno de cuidado pessoal e ambiental, tentou-se uma “adequação do intelecto à coisa” (Garcia-Roza, 1998:12), pela comunhão de técnicas, visões e experiências que constroem parâmetros cognitivos (Andrade, 2002). Em outras palavras, na medida em que nos aprofundamos a respeito das vivências na produção artística, passamos a nos interessar por entender qual o papel da arte no processo de educação ambiental e como esta oferece uma contribuição valiosa para o campo de ação interdisciplinar, que num sentido figurado, se apresenta como um “pano de fundo” sobre o qual se tece tal processo.

No processo de formação ética e estética da arte, vários aspectos se conjugam para sua expressão final. Da mesma forma, o sujeito entra em contato com o objeto mediante a totalidade de sua dimensão humana, não apenas no aspecto da sensibilidade, emoção,

afetividade, mas também na racionalidade e em ideologias inscritas em uma realidade concreta (Silva, 2003). Neste sentido, não dissociaremos, no decorrer do presente estudo, as informações coletadas através das vivências e das entrevistas. Tal como Andrade (2002), entendemos que a integração de várias linguagens pode favorecer uma melhor compreensão dos significados psicossociais e culturais, tornando as pesquisas mais completas. Pela arte fomos desvendando enigmas, onde pesquisadoras e pesquisadas percorreram uma trajetória de amadurecimento pessoal e de fortalecimento da consciência ambiental e cidadã (Lopes, 2001).

### **A emergência do sujeito e do objeto: relações e vivências de opostos**

Para Heidegger (2000) a temporalidade da trajetória de um fenômeno é o que oferece a este a constituição de realidade, cuja vivência é inevitavelmente centrada nos seus opostos. Conviver com os opostos diz respeito ao existir dinâmico dos humanos e dos seres em geral. Os opostos não implicam, necessariamente dissociações ou dimensões impermeáveis, ao contrário, esses pólos estão continuamente se comunicando e, na dinâmica do cotidiano, podem trocar de vestes, assumindo inclusive o seu oposto, fazendo emergir novas configurações. Diversos autores apresentaram essa questão da convivência com os opostos em aspectos diversos da vida. Vigotsky (1999) ao estudar os aspectos psicológicos da arte, desenvolveu um estudo profícuo sobre emoções que se contradizem e ao mesmo tempo se somam. Esse pensamento se encontra também em Heidegger (2000), que procurou entender a relação do binômio morte e vida pontuando que, num sentido mais amplo, a morte é um fenômeno da vida. Jung *et al.* (1977), por sua vez, considerou que uma sociedade saudável e normal é aquela em que as pessoas habitualmente entram em divergências, sabendo-se que um acordo geral é coisa rara de existir fora da esfera das qualidades humanas instintivas, mas que é importante se encontrar possibilidades de concordâncias que admitam tais divergências.

A constituição própria do sujeito passa, portanto, pela efetiva vivência no mundo, onde as diversidades e divergências são partes constituintes desse sujeito. Por isso, o momento presente do aqui e agora, traz a vivência do passado e as expectativas de futuro como temporalidades inerentes do sujeito na relação com os outros e consigo mesmo (Higuchi e Cunha, 2008). Na medida em que escutávamos as mulheres, íamos entendendo a respeito de suas identidades historicamente constituídas oriundas de um sistema relacional (Barbosa, 1998) com o mundo que as cerca. Isso implicava em serem mães de seus próprios filhos e dos filhos de outros; serem administradoras de um lar, nem sempre ideal; ou de serem cônjuges de alguém, mesmo que em determinados momentos isso não fosse tão claro como deveria ser. Nesse turbilhão de identidades, revelavam-se simultaneamente “duras e suaves”, mesmo que isso nem fosse uma resposta racional à circunstância enfrentada.

Nesse processo de manifestação do cuidado ao objeto, surgia a mulher, como sujeito engajado num cotidiano complexo, que até então, em muitos momentos, preferia submergir a se ver por inteira e ter que lidar consigo mesma e com um mundo de liberdade e



possibilidades restritas. Nos termos de Deleuze e Guatarri (1996), o caminho envolvia o passar do “estar no mundo” para o “ser com o mundo”. Na construção de relações e vivências o cuidar (ou não) foi sendo reavaliado a partir de vários aspectos: nos conflitos entre desejos pessoais e coletivos; no enfrentamento de situações difíceis para continuidade das atividades no grupo (o prazer) e o impedimento do prazer (descontinuidade) por dificuldades econômicas e familiares; na resistência ao novo e na permanência com o antigo no processo de busca de qualidade para o produto artesanal feito; nas expectativas e nas frustrações a respeito da produção e venda dos produtos; na continuidade e descontinuidade das atividades coletivas ou individualizadas. Entrecruzando-se em esferas distintas, estavam essas mulheres, evidenciando e re-elaborando dimensões de cuidado com a família, com o grupo, com o artesanato e com o ambiente.

### **Cuidado Familiar**

No âmbito do relacionamento familiar constatou-se que, apesar da maioria das mulheres serem casadas, havia um índice nulo de cuidado pelos parceiros, talvez decorrente de um relacionamento conjugal onde prevalecia a insatisfação e atitude resignada: *Minha filha outro dia me perguntou: mãe, porque você não larga o pai? Ai eu disse pra ela: [homem] é tudo igual. Então é melhor ficar com esse mesmo, (...) trocar de marido é trocar de problema.* O desejo de transformar essa realidade, entretanto, era real. Por exemplo, enquanto se preocupavam em melhorar a qualidade de produtos para levar a uma exposição, se posicionavam como se identificadas com tais objetos, ou seja, “*seria bom se os nossos homens, os de casa e os da lei, vissem a gente, do jeito que vemos essas peças, querendo que fiquem bonitas, fiquem bem. A gente perde até pra isso...*” O sentimento de abandono pelos próprios parceiros e pela lei aponta que as condições de vida dessas, e quiçá, de muitas outras mulheres, são ainda menos favorecidas em diversas situações, comparadas às dos homens (Macedo, 2003). Quando comparadas à força de trabalho masculino, tornam-se vítimas de uma perversa lógica, onde algumas características sócio-demográficas como idade, o estado civil e condição econômica, são fatores ainda mais limitantes para a inserção no mercado de trabalho. Essa situação vai significar maior vulnerabilidade para aquelas mulheres jovens que têm filhos pequenos e que ainda estejam em fase reprodutiva (Santos, 2003, Mattos, 2003). Dessa forma, ao não se sentirem cuidadas pelos homens, estes não mereciam ser incluídos na sua relação de prioridade de cuidado a ser dispensado. Ou seja, o cuidado aqui era uma consequência, um ato a vir como resposta.

Essa vivência das mulheres contemporâneas nos faz lembrar o que Guatarri (1993), um outro pensador contemporâneo, comenta sobre dois personagens da mitologia: *Ulisses e Penélope*.

*Penélope* se situa como um personagem que vive à sombra de *Ulisses*. Está sempre condenada a esperar e ficar. *Ulisses* se situa como quem vai e não se fixa. Sai em busca de aventuras: está sempre condenado a partir. *Ulisses* reclama de *Penélope* que destrói sua liberdade de ir, a carência da presença solicitada por *Penélope* o aborrece. Contudo, o que o aborrece, o eterno e esperado retorno, é o que faz de *Ulisses* o

homem. E o desespero da espera de Ulisses, seu sentido de tecer uma espera, é o que faz de Penélope uma mulher. Então, Penélope, em sua espera, controla o tempo e tece a eternidade. Ulisses controla o espaço e monta a imagem de totalidade em fazer.

Tal como na mitologia, essas mulheres se sentiam condenadas a esperar e ficar na lateralidade do mundo masculino (Eliade, 1963). Acima de tudo, ser mulher implica transitar num mundo de homens. Entende-se que a feminilidade e masculinidade são dimensões instáveis e plurais, que enquanto integram-se e segregam-se continuamente, revelando um caráter relacional, comunicacional e sistêmico. Homens e mulheres interagem por binômios com seu significado antropológico e cosmológico, inscrevendo-se em estruturas objetivas e subjetivas. Como um par de opostos, os gêneros masculino e feminino, constituem uma relação de poder, ou seja, são representações sociais sujeitas a disputas políticas pela atribuição de significados (Carvalho e Pereira, 2003).

Se por um lado havia um descontentamento na relação com os companheiros e com a lei, por outro lado, o cuidado com os filhos se apresentou como uma necessidade primeira, não uma consequência do comportamento destes, como mostram as falas: *Me preocupo com a alimentação da família; Me preocupo com a segurança das minhas duas filhas porque no caminho da escola tem gente cheirando...* Observou-se que no caso do cuidado com os filhos, não estava em jogo o que os filhos pensavam ou faziam, mas o que uma mãe devia fazer incondicionalmente.

Viver esse princípio materno de cuidado esbarra em conflitos inevitáveis. O desejo de realizar outras coisas e a incompatibilidade de tempo e serviço eram conflitos vividos diariamente. O tempo de uma atividade pessoal era repartido na atenção aos filhos, principalmente com os menores, o que as obrigava a enfrentar o desafio de trazer os filhos pequenos para o grupo e a alternarem o tempo de aprendizado com o cuidado com os mesmos: *“não tem ninguém pra ficar com elas, mas não queria perder a aula”*. Tais problemas eram perfeitamente compreendidos por aquelas cujos filhos já crescidos não precisavam desse cuidado presencial. Quando percebiam que a interrupção da tarefa prejudicaria o produto, o cuidado dos filhos de uma era compartilhado por todas, numa rede de solidariedade incomum, onde a prioridade era dada à mulher mãe-acompanhada-de-filhos quando percebiam que a interrupção da tarefa prejudicaria a finalização do produto: *“deixa, mana, eu vou ver o que ela quer, continua aí”*. Em outros momentos, os filhos maiores eram orientados pelas mães a *“tomar conta”* dos outros menores, *“pra não atrapalhar”*. De modo geral, as participantes demonstravam possuir uma noção clara de que o serviço de atender a demanda familiar é um trabalho árduo e cansativo, mas também muito importante. Entendiam que havia uma relação íntima entre os bens da natureza e o processo de cuidado familiar de sustento: *“lá onde morava no interior, criei família: onde se planta, também se tira, dá pra todo mundo e não se estraga. Hoje os filhos tão tudo crescido; não roubam, trabalham, estudam e é uma família grande e bonita*. Esse depoimento, em particular, pontua claramente que a relação com o ambiente deve se dar de forma respeitosa e num nível de maior cuidado, pois dele vem o sustento pessoal e familiar.

Essa vivência de exímia consciência e resignação da função materna inspira uma das

pesquisadoras, Heloísa Helena Stopatto Cruz Alves, a escrever o poema que traduz a essência desse cuidado que nem sempre retorna a si, mas se propaga a outros numa cadeia interminável, mesmo que em determinados momentos pareça interrompida:

Materno  
Eterno – terno  
O nome  
Materno.

No momento eterno  
Lembranças infantis  
Choros, manhas,  
Peraltrices, guloseimas e fazeres.  
Lembranças recentes  
Do lado materno –  
De minha meninice,  
De minhas crias que crescem.

E crescidas,  
Volto à origem.  
A velhice me aconchega:  
Perto vou partir.

Permanecerei viva  
Nas lembranças eternas  
Dos filhos – meus amigos  
Que um dia serão paternos.

Enquanto o cuidado maternal surge de si como prioridade na relação com os filhos, o cuidado como mulheres não emerge dos outros como natural ou necessário. As participantes não se sentiam amparadas pela sociedade, mesmo que tal cuidado fosse propalado intensamente nas novas políticas públicas. Como cidadãs, sentiam-se desprotegidas, pois não tinham o direito a uma aposentadoria por seu trabalho prestado no ambiente familiar. Acreditavam não estar correto uma vez que *“a mulher cuida de todo mundo, mas não tem direito nem de ficar doente, imagine de ter outro trabalho fora de casa”*. Mesmo tendo alguma oportunidade de trabalho acabam perdendo a chance porque *“a maioria das fábricas não tem creche nem escolinha pros pequenos, nem a gente encontra uma pessoa pra tomar conta deles”*.

Na definição dos papéis afirmavam que eram responsáveis diretas pelo sustento familiar, mas que não era valorado por parte da sociedade, porque não eram remuneradas. Quando conseguiam um posto no mercado de trabalho enfrentavam conflitos na família ou com o companheiro: *“tive que enfrentar o marido que achava que tinha que só ficar em casa e sai para trabalhar em casa de família: tive muito problema com meu marido e com meu filho”*. Constatou-se que, em muitas situações, o enfrentamento desses conflitos se apoiava numa rede de solidariedade entre as amigas ou vizinhas, e até mesmo com a patroa. Desse modo, essas mulheres estabeleciam laços afetivos profundos, transcendendo as

relações de trabalho de modo que modificar papéis sociais: “a pessoa mais importante na minha vida é minha patroa”.

## Cuidado grupal

Ao avaliarem sua trajetória no grupo, as participantes tinham claro a vivência de momentos bons e daqueles de maior dificuldade. Numa ocasião, o grupo “*Mãos que criam*”, contava com apenas cinco participantes assíduas. Diante desse impasse, não se via mais condições de seguir em articulação conjunta: estavam ligadas duas a duas. Movido de intensa emoção, o encontro se deteve na reflexão das dificuldades enfrentadas no decorrer dos últimos dias, quando tentavam se organizar para uma grande feira amazônica que ocorreu em Manaus. A comissão de organização do evento ofereceu espaço para exposição ao INPA e seus diversos colaboradores, entre eles o grupo “*Mãos que criam*”. As participantes do grupo decidiram então, expor as peças confeccionadas com resíduos naturais, uma vez que a feira tinha como foco central atividades produtivas que respeitassem a biodiversidade Amazônica. Estas estariam ainda, com a responsabilidade de apresentar suas peças de artesanato aos visitantes da exposição de forma atrativa e organizada. Vários desafios se apresentavam àquelas mulheres, cuja tarefa lhes parecia muito além das possibilidades individuais e grupais.

O longo processo de escolha, de insegurança e negociações internas lhes possibilitou um aprendizado de tolerância. As mulheres foram unânimes na expressão do sentimento de que a equipe de pesquisadores teve paciência com elas, que conseguiram “*dar força*” mesmo sabendo de suas limitações e que essa participação seria algo impensável até então, pois segundo um das mulheres isso tudo “*era muito areia pro nosso caminhão*”. Essa reflexão possibilitou às participantes vislumbrarem como o cuidado pode se revelar num momento decisivo de lutas e conquistas. Após a exposição, em reunião avaliativa, decidiram por assumir uma nova composição do grupo, onde alguns trabalhos não seriam produzidos por grande número de pessoas, mas por duplas ou individualmente. Mesmo com a decisão da divisão de trabalhos as participantes comentaram sobre a importância dos encontros grupais na vida de cada uma delas. Os encontros semanais lhes proporcionaram vivenciar um cuidado coletivo, e que, até os momentos de “*lavagem de roupa suja*”, eram parte desse cuidado de si e do próprio grupo.

Nos encontros finais falaram dos conflitos, bem como na idéia de se ter um espaço para que tentassem encontrar outras possibilidades de articulação. Descortinou-se o binômio cuidado-descuido quando foram assinalando maneiras de cuidar melhor da relação entre elas. Ao final da exposição diziam ter sido “*tocadas*” pelo cuidado dispensado pelos organizadores e pelos visitantes. Assumiram que cada uma delas estava num degrau inicial de caminhada, mas que a idéia de “*Mãos que criam*” não deveria ser perdida; queriam continuar a aprender a fazer outras coisas, queriam tentar aprender a trabalhar em conjunto, lidar com as inseguranças relacionais. Pelo diálogo extraído do diário de campo, percebe-se que sabiam que era difícil a trajetória a percorrer. A expectativa é que continuássemos com

elas “para não perder o que estavam conseguindo”, pois precisavam desse cuidado na infância grupal.

*P. O grupo foi muito importante pra mim. Não pretendo abandonar mais isto. Quero aprender a fazer mais coisas. Venho conversando com A.[sua companheira de dupla]. Acho que as pessoas têm que falar o que pensam, não deixar para depois, eu sei que tenho dificuldade de falar, muitas vezes. Gosto de todas e gostaria de continuar no grupo “Mãos que Criam”, mas a gente precisa acertar estas coisas que uma vai dizendo da outra.*

*A. Prefiro sair do grupo, não gosto destas coisas de dizerem algo sobre mim e ficar por isto mesmo.*

*M. Eu tenho falado, a gente pode resolver as coisas de outra maneira, não gostaria que ninguém saísse. Tanta coisa boa aconteceu com a gente! Mas se não der, vou continuar a aprender mais coisas.*

*P. Eu sei que sou impulsiva, me senti muito mal em saber comentários a respeito de mim, mas eu revi minha posição, quero continuar. Vale a pena. Também acho que tenho aprendido muito.*

*F. Eu já disse: vou lutar muito para não perder esta oportunidade e seria muito bom se a gente continuasse.*

Ao final de dois anos, o grupo apresentou um índice de satisfação unânime, apesar da constatação de conflitos importantes no decorrer dessa caminhada para a construção de ações coletivas. A dinamicidade promovida nas ações grupais neutralizava a rotina da casa e as divergências próprias de cada uma na escolha e nas decisões de estética e qualidade das peças. A construção de peças para a exposição foi um meio de reavivar o cuidado adormecido e, ao mesmo tempo, de estender esse cuidado a outras pessoas e ao ambiente. Nas entrevistas se reportavam à importância da participação em exposições e na realização de passeios e visitas, onde podiam mostrar “aos outros” do que eram capazes. Destacam-se alguns pontos: oportunidades para conhecer novas pessoas (50%) “*Foi muito bom, vivia em casa, do trabalho para casa e da casa pro trabalho; agora me encontrei, conheci novas pessoas*”, de aprender a reaproveitar coisas (17%), de desenvolver a criatividade (17%) e de querer mais atividades iguais as que participaram (16%). Constatou-se que através das visitas as mulheres, participantes do grupo, foram percebendo que poderiam confeccionar produtos artesanais de forma mais criativa, mais “bem cuidada”, de forma parecida com o que viam sendo feitas por profissionais. Ao se identificarem como artesãs, “*gente que faz arte*”, o que estava em jogo era sua própria reafirmação como pessoa, desejando melhorar a cada instante.

A experiência propiciou um novo conhecimento por meio de vivências concretas. Numa visita na Central de Artesanato da Cidade de Manaus, onde muitos artistas mantêm seus ateliês, as mulheres se deram conta de que muito “*tem que se conhecer*” e que, para cuidar melhor e se reaproveitar os recursos do ambiente é preciso se informar: “*a gente desperdiçava porque não sabia que podia aproveitar isto*”, “*veja isto aqui, mana... é urucum!*” Uma delas comenta sobre uma instituição: “*Lá no SEBRAE está cheio de gente*

*querendo que um grupo faça alguma coisa. Eles dão dinheiro até para ajudar. Com essa atividade podemos formar um grupo. Está aí a oportunidade*". No encontro seguinte à visita à Central de Artesanato, uma das participantes trouxe, escondida num saco, uma peça que havia feito em casa. Ao ser solicitada para comentar o objeto diz timidamente... *"é um bonequinho. Fui eu que fiz!"* Nessas palavras evidencia-se que, tal como a artesã que conheceu no Centro, ela também podia fazer arte. Anunciava-se o nascimento da artesã.

Além da busca de inspiração com a produção dos profissionais da arte, as mulheres também se qualificavam nos cursos que lhe eram oferecidos. O interesse pelos cursos respondeu a uma demanda imediata de ampliação de relações sociais: *"conheci gente nova e legal"*; bem como de ações concretas e mais imediatas de zelo familiar *"a gente tá aprendendo coisa que depois pode vender e até ter um dinheirinho a mais lá em casa"*; e de consciência ecológica, de preservação dos bens naturais: *"olha, isto aqui, gente, vou usar na minha bandeja, mas é mesmo! Quanta coisa no chão, não precisa tirar dali de cima, é só deixar cair, né!"* Além disso, descortinou-se a possibilidade de integrar outros papéis em suas vidas, encontrando-se opções de sustentabilidade concreta, com o aumento da renda familiar pela venda de produtos confeccionados.

A experiência mostrou que os cursos organizados, além de oferecerem um contato com os diversos resíduos como sobra de madeira, vidro, papel, sementes, trouxeram à baila reflexões importantes com relação (1) ao exagero com que se descarta e se desperdiça; (2) à percepção e vivência de como o reaproveitamento destes pode ser transformado pelo processo criativo em objetos interessantes, possivelmente vendáveis, que são expressos genuinamente como: *"É legal, o lixo do pobre vira luxo, não é?"*; (3) de como se deve ter o cuidado com o preparo prévio do material coletado, antes de empregá-lo em outra coisa, como podemos verificar nesse comentário: *"Isso não podemos jogar fora! Nada deve ser jogado fora"*.

### **Cuidado artesanal**

A confecção de produtos também esteve sob a égide das relações de opostos que se cruzaram intermitentemente. Para Silva (2000), o que realmente valida o conhecimento é o efeito de concretizar o ato do fazer; por isso a arte pode favorecer novas construções sociais na medida em que há um envolvimento não só teórico, mas prático dos conhecimentos trabalhados. Um produto é feio ou bonito, certo ou errado dependendo do contexto e das circunstâncias em que ele é produzido e por quem é produzido. Na convivência com o grupo, muitos dos produtos eram reavaliados quando postos numa correspondência relacional, isto é, o olhar e o julgar individual nem sempre corresponde ao coletivo. Por isso, pode ser transformado quando posto diante de argumentos e aspectos concretos que os outros apresentam. Jogar fora ou desfazer o que se fez, reconstruir o que fora desprezado, produzir em conjunto ou individualmente, tudo pode ser revisto no âmbito das relações de convivência.

A avaliação técnica das peças produzidas individualmente e no grupo trouxe à tona a

insegurança própria de um aprendiz inseguro. Por ocasião da organização de uma segunda exposição, solicitou-se às participantes que selecionassem o que deveria ser levado para a exposição. Essa situação as levou ao enfrentamento do temor de rejeição por terem seus produtos individuais excluídos da exposição. A experiência de procurar a sua melhor maneira de fazer o objeto, refazendo-o várias vezes para chegar a um grau considerado de boa qualidade para si e para outros, e ao final, tendo que optar por não levá-lo porque este não havia contemplado o critério de qualidade desejado para o evento, foi um momento de crescimento pessoal e técnico.

Visivelmente as mulheres percorreram um longo e penoso processo de autonomia, que se conquistava por meio da arte, o cuidado com o objeto se estendia a elas próprias. Não se tratou de um processo simples. Era um ir e vir de peças: algumas reagiam resistindo a modificar o que reconheciam que não estava bom dizendo que *“era melhor deixar como está”*. Outras ainda iam descobrindo formas possíveis de melhorar o que haviam produzido ampliando a rede de apoio como pedir empréstimo à vizinha para pagar um outro marceneiro, mais eficiente do que o anterior *“porque aquele só fez m...”*. Entende-se que o binômio cuidado-descuido também se manifestou como aspecto de um mesmo processo criativo, de tal forma que o feio ia se transformando em bonito e o lixo em luxo estético, ao mesmo tempo em que a dona de casa se transformava em artesã.

As mulheres participantes foram também encontrando maneiras criativas de consertar as peças, descobrindo como usar as ferramentas e materiais disponíveis em suas casas, sem ter que comprar coisas supérfluas - *“eu não tinha grana pra comprar aquele papelão, aí fiquei tentando fazer o revestimento com estas folhas de bananeira lá do chão de casa, fui esquentando no fogão de lenha para dar jeito de trabalhar com elas, pra não gastar o gás”*. Percebia-se ainda um amadurecimento na avaliação estética constatando que o que não era antes bonito, poderia se tornar bonito, desde que um cuidado maior fosse investido: *“lembra do meu patinho feio que dei pra senhora? Fiquei cansada de tanto refazer, mas aí vi como as pessoas admiravam minha caixinha na exposição”*; *“pra fazer este arranjo de copo com aquela sobra de madeira tive que gastar um tempo enorme pra transformar aquela a coisa feia em um pedaço bonito e entregar pro marceneiro cortar pra mim”*.

Constatou-se assim, que através de ações concretas de aperfeiçoamento de produtos confeccionados, sentimentos opostos iam sendo tecidos internamente, de tal forma que ao confeccionar o objeto re-significavam sua própria auto-imagem.

## **Cuidado ambiental**

Nesse estudo foi possível delinear os modos de relação pessoa-ambiente descritos por Fischer (s/d), o da funcionalidade - na utilização do espaço onde fixaram essas mulheres suas moradias (bairro no entorno da reserva florestal) e o da experiência vivida - fazendo da arte um instrumento de encontro de subjetividades sobre sua dura realidade e de reavaliação de práticas ecológicas como parte integrante dessa trama existencial.

Morar entre a cidade distante e a floresta próxima já trazia para as participantes a vivência de opostos dinâmicos que envolviam pólos flexíveis de comportamento e atitudes. A experiência tornou possível ao grupo expressar uma consciência crítica a respeito dos

principais problemas de descuido ambiental, em particular com a natureza. A Reserva Florestal fazia parte do cotidiano do grupo, criando-se assim, um sistema face-a-face (Giddens in Gregory *et al.*, 1996) com o bairro em que vivem.

O grau de satisfação das mulheres em relação ao bairro onde moram foi de 99%. Essa satisfação, entretanto, não dispensou um olhar crítico: o que faltava a esse lugar para ser mais bem cuidado e o que estava em descuido. Foram citados motivos de descuido por parte do governo (92%) – como falta de saneamento básico, de água, de posto de saúde e de serviço médico; e por parte dos próprios moradores (8%) – como falta de cuidado, de solidariedade, de cooperação. Da mesma forma, ao analisarem a segurança pessoal e familiar na área em que moravam, 58% delas a consideraram segura, sendo até um bairro bom, mas que faltava algo relativo à condição básica de vida: *O bairro é bom, mas falta muita coisa para ter uma estrutura legal – a água, a gente ainda não tem, se eles completassem o encanamento... falta tão pouquinho pra ir até a casa gente, isto ia diminuir muito o problema de diarreia, vômito nas nossas crianças.* As demais (42%), temiam por sua segurança, mesmo sabendo que era um lugar relativamente tranquilo.

Diante do descuido, a cidade e o bairro gritavam, enquanto que a floresta sofria quase calada. De modo geral, as participantes percebiam que na sociedade atual, a cidade, equivocadamente, possui um status superior ao da floresta, mesmo que não concordassem plenamente com essa idéia vigente. Diante desses aspectos é que as participantes concluem que mulher e meio ambiente vivem conflitos semelhantes, ou seja, todos dizem ser importante, mas poucos cuidam deles como merecem. Para elas, tanto a mulher quanto o ambiente possuem leis que os protegem, mas ambos são esquecidos e desrespeitados pela sociedade.

Nesses campos de forças as participantes viam similaridade entre o descuido que há para como o ambiente e para com as pessoas de baixo poder aquisitivo. Nesse sentido, as mulheres expressam que ambos têm à frente um mesmo desafio: se permanecerem caladas não serão ouvidas. Entretanto, não havia, para elas, uma segurança no tipo de estratégia que seria mais adequada. A arte se mostrava como uma possibilidade.

Considerando-se que a arte possibilita a quebra de posturas não flexíveis, tornando possível uma refusão entre aspectos biológicos e sociais, buscou-se aprofundar a reflexão na (re)leitura e (re)criação da realidade atual. A partir desse princípio, as mulheres vivenciaram por meio do fazer criativo, individual e coletivamente promovidos através de oficinas, cursos, visitas, passeios, um novo cuidado com o ambiente. Temas sobre zelo ambiental – do bairro e da reserva florestal – foram estimulados desde o início do grupo, e este passou a fazer parte do diálogo das mulheres. Trabalhar com reaproveitamento de resíduos facilitou o surgimento de temas importantes a respeito da reserva florestal.

Os resultados apontaram para o fato de que as mulheres não discordavam da existência da floresta, pelo contrário, esta fazia parte das experiências vividas mais recentemente e nos anos passados em que muitas residiam no interior (Diegues e Arruda, 2001). Enquanto teciam, entrelaçando as folhas de açáí [palmeira] para uma toalha de mesa, as mulheres se davam conta como a natureza estava presente nas suas vidas e no seu cotidiano. Sabiam dos problemas que ali existiam e se arriscavam a oferecer sugestões, deixando claro que cuidar



estaria ligado a usar adequadamente o que se encontra disponível. Nos diálogos se davam conta da: (1) da invasão da reserva “... *mas mana, fica meio difícil não invadir, é tanta falta de casa e de lugar, ou então, é, mas tem gente esperta, até vereador invadindo e usando gente pobre de frente*”; (2) retirada de madeira e outros produtos naturais e da ação da polícia no controle desses delitos: para algumas “*os home desperdiça e não dá pra ninguém os remédios tão bom pra nós; para outras que ponderam, ...é, mas como tem gente cara de pau que é pego roubando uma quantidade grande de planta e ainda tem coragem de dizer que é pra tratar da mulher, imagina se ela fosse tomar todo aquele chá, teria morrido!*”; e a co-responsabilidade no cuidado, “*já avisei pro moço que toma conta que ta entrando muita gente por aqui deste lado*”.

O cuidado é um aspecto existencial do ser humano, que segundo Boff (1999:33), representa “uma atitude de ocupação e preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro”, e com o lugar e as coisas que compõem o meio ambiente em que estamos inseridos. Em muitos casos, essa relação de cuidado com o ambiente não é compreendida como parte da existência humana, seja no âmbito ético ou estético. É importante remeter esse aspecto ao que pontua Chauí (1997), se reportando a Gramsci, o qual adverte que o entendimento cognitivo do cuidado abrange duas dimensões: intelectual-política e intelectual-artística. Deve-se estar atento aos detalhes da vida social, às diferenças e contradições sem ter qualquer imagem fixada à *priori* (intelectual-política) ou então, deve-se fixar imagens, generalizar, descrever e narrar o que acontece (intelectual-artística). É, pois, nessa esfera que o ambiente emergiu como dimensão a ser mais bem cuidada.

## **Considerações Finais**

O presente estudo veio reforçar que a arte oferece um amplo processo de gestação de possibilidades, de maneiras de cuidar, de aquisição de poder, isto é, de agir até então desconhecidas ou adormecidas. Para se viver melhor é necessário que se possa aprender e se dispor a conviver com diversidades, que se possa trabalhar numa relação de produção de interdisciplinaridade.

Não se pode prever nem calcular de antemão as possibilidades do futuro nem para a arte, nem para a vida. Como na visão de Spinoza, a arte, na relação dialética de construção da vida, é o amalgama que une a ciência (conhecimento) e a filosofia (reflexão) na busca da cidadania e de um maior cuidado ambiental.

A vivência no grupo com a mediação de reflexões críticas do processo psicossocial do cuidado trouxe possibilidades de transformação àquelas mulheres. O cotidiano enfrentado pelas participantes na frieza mecânica do fazer diário, não lhes possibilitava reavaliar sua existência e buscar novos caminhos. Essa busca e reflexão deixou à mostra a existência da diversidade e da presença vívida de opostos que se cruzam e se comunicam incessantemente. A exclusão social, entendida no seu mais amplo conceito, é, de alguma forma, fortalecida pela descontinuidade dos pólos. A rigidez dos opostos, por sua vez, é produto e produtora da exclusão social. O processo artístico propicia a quebra da rigidez, tendo em vista que as pessoas vivenciam os opostos não como realidades estanques, mas como um processo contínuo no seu cotidiano, de sua própria existência pessoal e grupal. Da

mesma forma, esses opostos não são estados fixos e permanentes, mas permeáveis e emergentes. Essa “transformação” tem na arte um elemento que viabiliza possibilidades.

A arte deve ser entendida como um processo educativo que se situa como um elemento instigador, motivador, provocador de vivências de processos de criação. Abrigar os conflitos e divergências através de atitudes de gentileza, tolerância foi um aprendizado rico. E não menos sofrido, doloroso, assustador para todos os membros do grupo, pesquisadores e participantes. A arte evita ainda a racionalização que a palavra inevitavelmente manifesta. Quem tem o “poder” e o “discurso” é a classe dominante, a qual advoga a produção intelectual, comunicacional e da palavra. A classe dominada usa o corpo, o fazer, que não pode ser “controlado” pela palavra. O fazer é, portanto um domínio inacessível à classe dominante.

Uma proposta artística que possibilite vivências gratificantes, de potencialização de capacidades e de respeito à realidade psicossocial destas mulheres foi um diferencial no processo de educação ambiental. Desenvolver um processo de compreensão crítica e global do meio pode ser viabilizado pela educação ambiental. Sob esta ótica, a arte passa a ser um instrumento desencadeante de um processo criativo de adaptação e descoberta de alternativas de desenvolvimento, de cuidado pessoal e ambiental. No pano de fundo, onde se teceram as atividades artísticas diferenciadas, também se desenvolveu a solidariedade, as trocas de conhecimentos e a organização coletiva que propiciaram o surgimento de idéias criativas: a subjetividade foi norteando a relação com a realidade dos fatos e ações.

Quanto mais se possibilite existir a pluralidade de expressões, mais se pode enriquecer a identidade cultural dos seres humanos e, mais ainda, se preservar o respeito à sua diversidade. Tal processo é um passo importante para se desabrochar o potencial criativo, como fonte de potencialização de condições humanas, oferecendo uma vivência mais satisfatória possível. Nesse contexto serão mais fecundos os atos solidários e responsáveis como formas de cuidado da existência de todas as formas de vida planetária.

### ***Referências Bibliográficas***

- ANDRADE, R. (2002). **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade:EDUC.
- BARBOSA, A. M. (1998). **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ARTE.
- BAUMANN, Z. (2003). **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOFF L. (1999). **Saber Cuidar: ética humana – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes.
- CARVALHO, M. E. P. e PEREIRA, M. Z. C. (Orgs.). (2003). **Gênero e Educação – Múltiplas Faces**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- CARVALHO, V.S. (2002). **Educação Ambiental e desenvolvimento Comunitário**. Rio de Janeiro: WAK.
- CASTRO, R. (2002). Voluntariado, altruísmo y participación activa en la conservación del medio ambiente. **Intervención Psicosocial**, Vol. 11. No. 3. Págs. 317-331
- CHAUÍ, M.S. (1997). **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falhas**. 7. ed. Biblioteca da Educação, série 6; Filosofia; v.2. São Paulo: Cortez.

- DIEGUES, A.C., ARRUDA, R.S.V. (Org.). (2001). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP.
- DELEUZE, G., GUATARRI, F. (1992) **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: 34 Literatura S/C.
- ELIADE, M. (1963). **Aspectos do Mito; perspectivas do homem**. Trad. Manuela Torres; Rev. Rute Magalhães; Rio: Edições 70.
- FREUD, S. (1996). Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância (1910). Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, Vol. IX, os. 73-141.
- GARCIA-ROZA, L.A. (1998). **Palavra e Verdade na filosofia antiga e na psicanálise**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GREGORY, D., MARTIN, R., SMITH, G. (Orgs.). (1996). **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Trad. Isaack Mylan. Rio de Janeiro: Zahar.
- GUATARRI, F. (1993). **As três ecologias**. 4.ed. São Paulo: Papyrus.
- GUATARRI, F., ROLNIK, S. (2000). **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes.
- FISCHER, G. (s/d). **Psicologia Social do Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget.
- HEIDEGGER, M.(2000). **Ser e Tempo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, Vol 1 e 2.
- HEEMANN, A. (2000). Natureza e sociedade: a controvérsia sobre os alicerces da conduta humana. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, n.1, p 9-19, jan-jun. Curitiba: Editora da UFPR.
- HIGUCHI, M. I.G. (1999) **House, Street, Bairro and Mata: Ideas of Place and Space in an Urban Location in Brazil**. Tese de Doutorado. Inglaterra: Brunel University, 1999.
- HIGUCHI, M.I.G. (2002). **Psicologia Ambiental: uma introdução às definições, histórico e campo de estudos e pesquisas**. Cadernos Universitários, nº 049. Canoas: ULBRA.
- HIGUCHI, M. I.G. e Azevedo, G.C. (2004). Educação como processo de construção da cidadania ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**. Brasília, DF.: Rede Brasileira de Educação Ambiental. 140p. V. il.; 63- 70.
- HIGUCHI, M.I.G., AZEVEDO, G.C., FORSBERG, S.S. (2004). A Floresta e a sociedade: história, idéias e práticas. In **A floresta Amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental**. Higuchi, M.I.G e Higuchi, N. Manaus: INPA/CNPq, p 107-120.
- HIGUCHI, M.I.G., CUNHA, D. C. C. (2008). Práticas de envolvimento socioambiental com moradores do entorno de uma reserva florestal em Manaus- AM. **Psicologia para América Latina**. Portugal. <http://www.psicolatina.org> -V. 13. Jul, 2008.
- HIGUCHI, M.I.G., KUHNEN, A. (2008) Percepção e Representação Ambiental – Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental. Em **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. J.Q. Pinheiro e Günther, H.(orgs.). São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 181-215.
- IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change – Fourth Assessment Report – November 2007 - [http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4\\_syr\\_spm.pdf](http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/syr/ar4_syr_spm.pdf) Acesso em 29/nov/2007.
- JUNG, C.G., FRANZ, M. L., HENDERSON, J.L. JACOBI, J, JAFFÉ, A. (1977). **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho: Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KON, N. M. (1996). **Freud e seu duplo**. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- LIMA, A., MAGNUSSON, W., MENIN, M., ERDTMAN, L., RODRIGUES, D., SÉLLER, C., HÖDL, W. (2006) **Guia de Sapos da Reserva Adolpho Ducke**. Manaus: Átema Design Editorial.
- LOPES, A.M. R. (2001). **Amazônia –entre o chip e o cipó**. Manaus: Fundação Amazonas Forever Green.
- LÓPEZ-CABANAS e CHACÓN. F. (2003). Intervención Psicosocial y servicios sociales: un enfoque participativo. Madri: Sintesis Psicología.
- MACEDO, M.S. (2003). **Relações de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres**: [www.rede.mulher.org.br/gênero\\_Y6neG6mmdnUAJ](http://www.rede.mulher.org.br/gênero_Y6neG6mmdnUAJ). Acesso em 5/12/03.

- MATTOS, J. V. (2003) **Acesso das mulheres e Emprego e Renda:** [http://polis.org.Br/publicações/di\\_2p\)HipZpRH4J](http://polis.org.Br/publicações/di_2p)HipZpRH4J). Acesso em 5/12/03.
- MATURANA, R. H. e VARELA F. (2001). **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Palas Athena.
- MININI, N.M. (1996). **Educação Ambiental para o Século XXI.** Brasília: MEC, Anais do Encontro dos Centros de Educação Ambiental.
- NOAL, F.O., BARCELOS., V.H.L. (Org). (2003). **Educação Ambiental e Cidadania – Cenários Brasileiros.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- REIGOTA, M. (1994). **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense.
- SACRAMENTO, L.C. (2003). **Arte e (re) aproveitamento de resíduos: uma alternativa de Educação Ambiental com moradores vizinhos à Reserva Ducke - Subprojeto Mulheres e Meio Ambiente.** Manaus: INPA/NCHS/GPEA.
- SALAZAR, J. (1992). **O novo proletariado industrial de Manaus e as transformações sociais possíveis: estudo de um grupo de operários.** Tese de doutorado. Curso de Pós Graduação. São Paulo: USP.
- SANTOS, M. (1992). **Urbanização Brasileira.** São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, M. (1996). **Técnica, Espaço, Tempo – Globalização e Meio Técnico Científico Informational.** São Paulo: Editora Hucitec.
- SANTOS, M. (1997). **A natureza do Espaço: Técnica e Tempo.** São Paulo: Hucitec.
- SANTOS, J.M. (2003). **Pressupostos de uma educação para pensar.** 2003. [[http://filosofiaeeducacao.com.Br/yoD2\\_b6bb-oJ](http://filosofiaeeducacao.com.Br/yoD2_b6bb-oJ)]. Acesso em 5/12/03.
- SARRIERA, J. C., SILVA, M.A., PIZZINATO, A., ZAGO, C. E MEIRA, C. (2000). Intervenção Psicossocial e algumas questões éticas e Técnicas. In Jorge Castellá Sarriera. **Psicologia Comunitária: Estudos Atuais.** Porto alegre: Sulina.
- SILVA, D.D. (2003). **A Arte Na Escola: Uma Possibilidade para Formar Sujeitos Críticos Reflexivos - Arte, Criatividade e Educação:** [http://www.cenap.org.br/cnp\\_tecendo/tec1/cnp\\_tec\\_1\\_3.htm](http://www.cenap.org.br/cnp_tecendo/tec1/cnp_tec_1_3.htm). Acesso em 08.12.2003
- SILVA, M.P.S. (2000). **Representações Sociais sobre o meio ambiente desenvolvidas com moradores da colônia agrícola Chico Mendes.** Dissertação de Mestrado- ICHL-UFAM. Manaus: UFAM, 2000.
- VIGOTSKY, L.S. (1999). **Psicologia da Arte.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

### *Correspondência*

**Maria Inês Gasparetto Higuchi** - Pesquisadora do LAPSEA (Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental) do INPA, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, Brasil.

**E-mail:** [mines@inpa.gov.br](mailto:mines@inpa.gov.br)

**Heloisa Helena Stopatto Cruz Alves** - Pesquisadora colaboradora do LAPSEA-INPA, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, Brasil.

**Luiza Conceição Sacramento** - Bióloga e Artesã, Bolsista de Pesquisa pelo PCI-INPA-MCT no LAPSEA-INPA, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, Brasil.

---

Texto publicado em [Currículo sem Fronteiras](#) com autorização das autoras.

---